

# GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL NO MUNICÍPIO DE PACATUBA – CE: Gestão Pública o Desenvolvimento da Cultural Local <sup>1</sup>

EDMAR LUIZ DE SOUSA <sup>2</sup>  
CLENILTON DA SILVA MELO<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a influência da globalização na identidade cultural local no município de Pacatuba, tendo como objetivo geral, compreender como essa influência afeta os indivíduos no aspecto de sua identidade. Assim buscou como objetivo específico identificar o legado cultural para entender melhor os desafios que demandam a necessidade de fortalecimento do estudo da cultura local para as novas gerações. No decorrer desta pesquisa em equipamentos público, realizamos entrevista com gestores públicos no município de Pacatuba, com intuito de compreender melhor os desafios da gestão pública para o aperfeiçoamento das atividades da cultura local. O referencial teórico se baseou em autores como: Manoel Albano Amora e Stuart Hall, dentre outros que tratam da temática em questão. A partir dessa pesquisa é possível construir um novo olhar sobre a cultura do município e uma nova compreensão sobre a concepção de cultura.

**Palavras-chave:** Globalização; Identidade Cultural; Identidade Local; Gestão Cultural.

## GLOBALIZATION AND CULTURAL IDENTITY IN PACATUBA - CE: Public Management Local Cultural Development

## ABSTRACT

This article discusses about the influence of globalization on local cultural identity in Pacatuba City, having as general goal to understand how this influence affects individuals in their identity. As specific goal it aimed to identify the cultural legacy to better understand the challenges that demand the need of strengthening the study of local culture for future generations. While researching in public facilities, we held interviews with public managers in Pacatuba City, aiming to better comprehend the challenges of public management for the improvement of local culture activities. The theoretical framework was based on authors such as Manoel Albano Amora e Stuart Hall, and others who deal with the appointed matter. As a result, it is possible to build a new insight upon local culture and a new understanding of culture concept.

**Keywords:** Globalization; Cultural Identity, Local Identity; Cultural Management.

## Introdução

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Pública Municipal (EAD), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira sob a orientação do Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

<sup>2</sup> Edmar Luiz de Souza, licenciado em licenciatura específica em história pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, E-mail: [edmaviola@hotmail.com](mailto:edmaviola@hotmail.com)

<sup>3</sup> Clenilton da Silva Melo, licenciado em pedagogia, formado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, E-mail: [Clenilton\\_melo@hotmail.com](mailto:Clenilton_melo@hotmail.com)

No presente artigo vamos analisar a questão da identidade cultural do município de Pacatuba.

O município de Pacatuba é uma faixa de terra de 131.994 km<sup>2</sup>, encravada na região Nordeste do Brasil, no Estado do Ceará, mais especificamente na região metropolitana, entre os municípios de Fortaleza (Norte), Guaiuba (Sul), Maranguape (Oeste) e Itaitinga (Leste. (AMORA. 1972). Seu território possui características de solos, relevos, vegetação e clima bastante variado, pois contém desde depressões sertanejas até formações serranas úmidas.

Nas áreas serranas a cobertura vegetal é do tipo atlântica e se caracteriza pela presença predominante de vegetais de grande porte, abrigando espécies vegetais menores e uma fauna variada. Ao possuir áreas sertanejas, Pacatuba se assemelha à grande maioria dos territórios municipais cearenses e ao dispor de áreas de serra se mostra atípico e parte de um seleto grupo de municípios possuidores de condições paisagísticas diferenciadas para os padrões do Estado do Ceará.

A beleza das paisagens, as diferenças ecológicas, as várias possibilidades de exploração econômica, a riqueza da fauna e da flora, a existência de climas variados, águas perenes, a proximidade do maior centro urbano estadual, entre outros fatores, exerceram e ainda exercem grande poder de atração sobre demais municípios cearenses.

Da chegada dos primeiros exploradores em 1683 (AMORA, 1972) e dos seus pequenos arranjos agropecuários até a enorme Pacatuba de hoje, foram três séculos de uma jornada dura e permanente. Pacatuba de 2015 é uma organização social composta de 72.299 habitantes, distribuídos em quatro distritos: Sede (ao sopé da Serra da Aratanha), Munguba, Pavuna e Carlos Jereissati (IBGE 2014).

Fazendas e pequenos sítios brotaram uma atrás do outro, humanizando a região e definindo estilos de vidas simples e fortemente embalados por uma cultura do modo de ser rural e industrial. Pequenos arruamentos, armazéns de abastecimento, equipamentos públicos, instituições políticas, militares, religiosas, artesãos, feirantes, lavradores, vaqueiros, etc., (AMORA, 1972), são bons exemplos de respostas às muitas necessidades que surgiram ao longo da grande jornada humana no município de Pacatuba. A capacidade para criar a partir dos recursos locais ergueu diversas estruturas produtivas ao longo da história, (engenhos, fábricas, sítios, etc.). A fé que alimentou os primeiros pacatubanos ergueu templos e comprometeu o povo em princípio, com a doutrina católica.

Para enfrentar as dificuldades dos dias os fez cantar, dançar e celebrar seus santos em busca de identidade e de unicidade. A fome os arremessou mata adentro e serra acima em busca da convivência social e econômica. Com o auxílio de comunidades vizinhas abriram veredas e estradas. A caminhada por uma melhor qualidade de vida sobre o território de Pacatuba fez nascer uma cidade e dezenas de povoados seguindo visões de mundo, crenças, técnicas e valores próprios.

A força da globalização por meio das tecnologias informatizadas tem um alcance imensurável na sociedade moderna atual, seu efeito de unificação estabelece feitos significativos e notórios na identidade cultural de um povo. Essas transformações ocorridas podem atingir fortemente sociedades menos estruturadas economicamente e socialmente. Compreender melhor a situação que envolve a cultura de Pacatuba é o propósito desta pesquisa, para que a partir de seus elementos históricos e consciência reflexiva, seja possível identificar e diagnosticar o problema. Acredita-se que nesta perspectiva o presente trabalho deve contribuir para o aperfeiçoamento, no que concerne ao refinamento das ideias críticas para aplicabilidade de ações dentro da estrutura administrativa do Município de Pacatuba, voltadas para a superação de uma cultura contraditória e colonial, que não consegue criar lastro para fazer com que o ente público cumpra com eficiência seu papel institucional, que é o de atender a grande demanda social da população, principalmente aqueles setores sociais que se encontram em estado de vulnerabilidade: crianças e adolescentes oriundos de famílias menos favorecidas economicamente.

Assim, este trabalho foi pautado numa investigação que tem por finalidade a descoberta de novos conhecimentos, de domínio científico e cultural. A problemática a ser estudada também leva a consideração da concepção do conceito de História Oral e Memória, sugerido por (THOMPSON, 1992), como recurso metodológico para produção de pesquisa, especificamente no âmbito da pesquisa em história. O trabalho examinará com um olhar investigativo situações referentes ao objeto estudado.

Nessa perspectiva, a pesquisa visa abordar o conhecimento a respeito dos efeitos da globalização no município de Pacatuba, frente o processo de fortalecimento ou declínio da identidade cultural local.

### **O efeito da globalização na sociedade pós-moderna**

“Tudo que é sólido se desmancha no ar...”  
(Marx e Engels, 1973, p. 70).

Nos últimos anos as tradições culturais locais têm sofrido forte influência da cultura de massas transmitida através do processo de globalização.

Para localizarmos o conceito de “globalização”, vamos dialogar com Stuart Hall e seu livro *A identidade da cultura na pós-modernidade* (2006), com intenção de compreender as mudanças no conceito de identidade e de sujeito em suas variadas interpretações que atravessam a História, das quais, Hall identifica três concepções de identidade cultural, que são: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Desta forma, segundo o autor, o sujeito do iluminismo essencialmente é dotado de centralidade e unificado: “ indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia” (HALL, 2006, p.10).

Ainda segundo o mesmo autor “A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele” (HALL, 2006, p.11). Por esta razão Hall define o sujeito sociológico como essencialmente aquele que interage e que se constrói a partir da relação com o outro. E finalmente, Hall define o sujeito pós-moderno como o sujeito cuja identidade cultural não é fixa, permanente e sim móvel: “ A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Podemos, portanto, afirmar que ao longo da História a definição de sujeito foi sendo modificada à medida que a compreensão do conceito de identidade cultural também era transformada por fatores de ordem social, religiosa, econômica. De centralizado e dotado de capacidades inatas, a um sujeito formado a partir da relação com o “outro”, tornando-se um ser fragmentado, cuja identidade cultural é mutante, posto que se configura e se transforma continuamente, o homem, perpassou formas diferentes de ver e de se identificar como indivíduo a partir da interpretação dos conceitos de tempo e espaço, mutuamente.

É preciso ter em mente que as assimilações de um conjunto de características dadas como inerentes a um povo, constituídas como sua identidade cultural, foram no mundo moderno uma das principais fontes de identificação da identidade nacional. Sendo, porém, tal concepção amplamente discutida e questionada pelo autor, ao afirmar que “na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48). A partir de tais noções básicas é que podemos finalmente definir o que vem a ser a globalização, visto que, esta é um fenômeno que implica diretamente no conceito de identidade nacional e identidade cultural,

posto que, devemos ter em mente que a globalização é um acontecimento que interfere no *modus operandi* da sociedade, transformando-a em híbrida, pelo contato com outras culturas, e, por conseguinte, interferindo diretamente nas práticas culturais de comunidades isoladas, intervindo, principalmente na economia. Segundo Giddens, a globalização se refere àqueles: A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da "sociedade" como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (GIDDENS Apud HALL, 2006, p.68)

É o que Hall vai identificar como sendo a “compressão espaço-tempo” que pode ser compreendida como característica de encurtamento das distancias “ que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2006, p. 68). As identidades culturais são atravessadas no tempo e no espaço por conexões virtuais ou físicas, por meio da tecnologia com outras nações localizadas do outro lado do globo, através de recursos da telecomunicação, o cyber-espaço ou mesmo o encurtamento das distancias físicas por meio da tecnologia do transporte aéreo, acarretando em uma aceleração do “espaço-tempo”.

A partir destes mecanismos, já não se torna mais exótico encontrar nos grandes centros urbanos, por exemplo, restaurantes de comida tailandesa, ou mesmo uma especiaria indiana em um supermercado. Ou mesmo a relativização do “perto” e “longe”, quando se trata de uma viagem a jato, que pode encurtar em questão de horas a imensa distância entre dois continentes. Essas infiltrações culturais fazem com que os limites que delineavam as identidades culturais se misturassem. Inevitavelmente há um processo de hibridismo cultural. Mesmo em lugares afastados, localizados na periferia da economia mundial, as influências de um mercado global de consumo também consegue interferir no comportamento das pessoas, que passam a vestir, a se alimentar, a falar com forte influência de um hibridismo cultural decorrente do impulso econômico gerado pela cultura do consumismo, em decorrência de uma economia global.

Compreendemos que esta economia global foi impelida a expandir e se tornar em prática, devido à saturação dos mercados internos dos principais centros de consumo ocidentais. Muitas empresas multinacionais buscaram conquistar novos mercados consumidores, principalmente dos países recém-saídos do socialismo. A concorrência fez com que as empresas utilizassem cada vez mais recursos tecnológicos para baratear os preços e também para estabelecerem contatos comerciais e financeiros de forma rápida e eficiente. Neste contexto, entra a utilização da Internet, das redes de computadores, dos meios de comunicação via satélite etc.

Se tomarmos como exemplo o município de Pacatuba, compreendendo seu papel e lugar em uma escala global, ou seja, considerando que este município é parte de um conjunto de outras cidades do mundo, que fazem parte de uma grande periferia econômica.

Ao analisarmos os impactos de uma cultura alimentada pelo consumismo criado por sua vez pelo efeito da globalização, podemos afirmar que, é sob o efeito da globalização que a nova geração incorpora hábitos e modos de vestir que estão em grande parte, conectados com um mercado consumidor mundial. As conexões com o mercado mundial podem ser percebidas com a presença de fábricas, como a *Heineken International* que possui cerca de cento e quarenta cervejarias em setenta países, uma delas localizada em Pacatuba.

É certo também afirmar, que a globalização aconteceu primeiramente sob o aspecto exclusivo da economia e que não se pensou nas consequências imediatas que esta troca de mercadorias e hábitos de consumo poderia influenciar e mudar no campo da cultura.

A partir destas mudanças as identidades culturais (global, nacional ou local) se hibridizam influenciadas por outros hábitos e modos de outras culturas, cujo contato passa a ser constante. Porém, afirmar tal sentença sem problematizar o próprio conceito de cultura nacional e sua definição como sendo algo “homogêneo” é não adentrar nos meandros das questões intrínsecas à globalização. Sobre isto, Hall explica:

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo "unificadas" apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto - como nas fantasias do eu "inteiro" de que fala a psicanálise lacaniana - as identidades nacionais continuam a ser representadas como *unificadas*. Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de "um único povo". A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais-Língua, religião, costume, tradições, sentimento de/ "lugar" - que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma "fundacional". (HALL, 2006, p.62).

No entanto, Hall vai explicitar que, a identidade nacional nada mais é do que uma construção, uma imposição de forças cujo objetivo é em via de regra, “horizontalizar” grupos, esterilizar diferenças e nivelar sentimentos de pertencimentos, território e afetividades.

Tais princípios, quase sempre, apagam determinados comportamentos em detrimento de outros, inclusive quando se tratam de traços e modos de grupos que fazem parte de uma minoria de poder, tais como grupos étnicos, sociais, de gênero. Tais parcelas e representações sociais perdem espaço de representação e subjaz a supremacia do discurso institucional, tornando, muitas vezes, um hábito recente em uma tradição que parece ser secular. Tal mecanismo pode se dar por meio de uma massificação de hábitos forjados e inseridos no cotidiano, de tal modo que com o tempo passam a ser reconhecidos como parte de uma

identidade nacional, cujas raízes são profundas. Portanto, “devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para ‘costurar’ as diferenças numa única identidade”. (HALL, 2006, p. 65). Por tais razões é que Hall questiona a ideia de que as identidades nacionais tenham sido alguma vez tão unificadas ou homogêneas.

Segundo Kelvin Robin, ao passo que há a tendência na homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade. Posto que, juntamente com o impacto do “global”, emerge um novo interesse pelo “local”.

Embora tenha se projetado a si próprio como trans-histórico e transnacional, como a força transcendente e universalizadora da modernização e da modernidade, o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização - a exportação das mercadorias, dos valores, das prioridades, das formas de vida ocidentais. Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações "estrangeiras" têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental, ao mesmo tempo em que, de forma não menos importante, o Ocidente vê-se face a face com a cultura "alienígena" e "exótica" de seu "Outro". A globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso. (Robins *Apud* HALL, 2006, p.78).

Em decorrência dos contatos entre culturas globais e locais, um dos grandes problemas que tem passado hoje não só a Europa, como os países ricos localizados na América do Norte, como EUA e Canadá, é a crise da imigração, que, em parte se dá, pela ilusão criada pelo capital global de que em tais centros e polos de economia a vida e as chances de sobrevivência são maiores e melhores. O fluxo de pessoas que atravessam grandes distâncias das periferias de todo o mundo para estes centros, tem criado um colapso e ao mesmo tempo um retrocesso, por parte destes países ricos, no sentido de abertura a recepção de novas culturas que passam hoje a fazer parte do cotidiano destas cidades, em consequência de uma prática econômica que vende não somente a mercadoria, mas junto a ela toda uma cultura ocidental, muitas vezes, fantasiada. “Esta formação de ‘enclaves’ étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma ‘pluralização’ de culturas nacionais e de identidades nacionais”. (HALL, 2006, p. 83). O mesmo sistema que tem causado o efeito da “pluralização” das culturas nacionais, cujos efeitos de hibridização destas culturas têm grande resistência por parte de grupos conservadores.

Já nas sociedades da periferia têm-se encontrado as portas abertas às influências culturais ocidentais. O que se imaginava, era justamente o oposto, de que seriam as sociedades de periferia – consideradas lugares “fechados” e, antes, de poucas trocas culturais, que reagiriam com maior resistência: “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas (HALL, 2006, p. 85)”.

O interessante nas conclusões do autor é que o efeito da globalização, ao contrário do que muitos acreditavam, foi e tem sido a valorização das culturas locais, embora destacando suas características “exóticas”, portanto uma mercadoria a mais a ser consumida. Comunidades e cidades como Pacatuba, por exemplo, estão em um movimento repetido de tentar salvaguardar do apagamento da História Oficial sua memória afetiva, ou mesmo a preservação de suas edificações históricas do período colonial, ou sua paisagem natural rodeada de serras, a cultura indígena ameaçada pelo latifúndio, as narrativas quase sempre esquecidas dos caboclos da serra que contam histórias de caiporas, onças, seres míticas, numa transversalidade étnica rica e particularizada. Tal necessidade é, segundo Hall, resultado da globalização que ao ameaçar estas identidades particularizadas às fortalece.

O ressurgimento do nacionalismo e de outras formas de particularismo no final do século XX, ao lado da globalização e a ela intimamente ligado, constitui, obviamente, uma reversão notável, uma virada bastante inesperada dos acontecimentos. Nada nas perspectivas iluministas modernizantes ou nas ideologias do Ocidente nem o liberalismo nem, na verdade, o marxismo, que, apesar de toda sua oposição ao liberalismo, também viu o capitalismo como o agente involuntário da "modernidade" previa um tal resultado. Tanto o liberalismo quanto o marxismo, em suas diferentes formas, davam a entender que o apego ao local e ao particular dariam gradualmente vez a valores e identidades mais universalistas e cosmopolitas ou internacionais; que o nacionalismo e a etnia eram formas arcaicas de apego - a espécie de coisa que seria 'dissolvida' pela força revolucionadora da modernidade. De acordo com essas "metanarrativas" da modernidade, os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição e às raízes, aos mitos nacionais e às "comunidades imaginadas" seriam gradualmente substituídos por identidades mais racionais e universalistas. Entretanto, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do "global" nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do "local". (HALL, 2006, p. 96-97).

O efeito da globalização, portanto, segundo Hall e outros teóricos, acaba por fortalecer certos movimentos de uma determinada cultura e identidade cultural particularizada, localizada nas sociedades de periferias, ao mesmo tempo em que também, pluraliza o que ele intitula de identidade nacional, que à medida que entra em contato com os efeitos do capitalismo, não perde completamente suas características, mas se adapta as novas formas do viver.

Portanto, os caminhos que a globalização aponta são bem complexos e desviantes e estão fora do que estava previsto como certo. Ao que tudo indica, a globalização se encaminha, cada vez mais, para um descentramento do Ocidente, tal qual se refere Hall,

Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes. Entretanto, isto também sugere que, embora alimentada sob muitos aspectos pelo Ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do Ocidente (HALL, 2006, p. 97).

Em Pacatuba, o movimento de preservação da identidade local está em curso. Todavia, não está preocupado somente com as construções coloniais, mas de igual modo, a preocupação com sua paisagem natural, a não descaracterização de uma paisagem que transita entre o urbano e o rural. Uma cidade banhada por um rico lençol de água e por muitas fontes de água que brotam da serra e formam cachoeiras.

Além da preocupação em preservar bens materiais, consideramos a importância da memória local, da cultura oral dos antigos, grande parte provinda da cultura indígena, a vida pacata e misteriosa do caboclo que passa a maior parte de seu tempo no alto da serra. São traços que podem se perder no tempo, e na memória coletiva, se não forem preservados. Em meio a todo este arsenal cultural, Pacatuba ainda é uma cidade que sofre influências do consumo gerado pelo capitalismo e que teve o fenômeno da globalização como resposta e consequência disto, uma cidade, portanto, que vive esta abertura, hibridismos, alguns não trazem benefícios, mas tantos outros podem impulsionar a economia local. Encontrar este equilíbrio entre o global e o local, entre o tempo e o espaço, entre o pluralismo e a preservação de traços importantes de determinadas culturas. Este é o ponto colocado por Hall, e que, lança diversas discussões para desmitificar termos tantas vezes utilizados de forma equivocada.

Não podemos nos deixar levar por um discurso purista, étnico, mesmo porque somos originalmente uma fórmula híbrida de cultura, gênese, sociedade. Somos esta imensa periferia da sociedade global, que vem também sofrendo as consequências de uma crise não somente econômica que está ocorrendo em todo o mundo, vivemos uma crise de ordem social, em suas estruturas eurocêntricas, ocidentalizadas. Temos em mente que a globalização é um processo econômico e social que estabelece uma integração entre os países e as pessoas do mundo todo, embora, tais relações ainda sejam prioritariamente unilaterais. Mas Hall, aponta uma luz, ao considerar que, embora lento e desigual, o mundo parece caminhar para um descentramento do Ocidente.

## **Identities Culturais e diversidade em Pacatuba**

A compreensão atual da identidade cultural como um elemento móvel, tem levado a uma série de questionamentos:

Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade britânica têm sido postas em questão. Num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza. O que significa ser europeu, em um continente colorido não apenas pelas culturas de suas

antigas colônias, mas também pelas culturas americanas e agora pelas japonesas? A categoria da identidade não é ela própria, problemática? E possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral? A continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais. Os confortos da Tradição são fundamentalmente desafiados pelo imperativo de se forjar uma nova auto-interpretação, baseada nas responsabilidades da Tradução cultural (Robins *Apud* HALL, 2006, p. 84).

A reflexão aponta para as velhas certezas perdidas e as fronteiras dissolvidas. Na sociedade pós-moderna o homem contemporâneo é constantemente confrontado com o tempo, cuja noção de espaço também tem sido alterada. A “compressão espaço-tempo” força o homem contemporâneo a um constante “traduzir-se” em meio a uma tradição que se transforma e um espaço-tempo, cada vez mais dinâmico. Segundo Hall:

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 07).

Para Hall, a identidade é dividida em três concepções, que são: o sujeito iluminista; o sujeito sociológico e, finalmente o sujeito pós-moderno. Estes sujeitos, como já descrito no tópico anterior, são formados a partir de uma concepção de sociedade, de como esta se organiza, pensa e age. Ao longo da História e à medida que os sujeitos sociais iam sendo modificados por fatores, tais como a religião ou a economia, o indivíduo tinha sua identidade cultural também transformada, tomando outros aspectos de caráter social:

“à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente”. (HALL, 2006, p. 13).

Portanto, a identidade cultural está intrinsecamente relacionada à cultura praticada em uma sociedade por determinados grupos, sejam de mulheres brancas, mulheres negras, mulheres imigrantes, seja de imigrantes de modo geral, de um grupo privilegiado branco, de poder, de idosos, de homossexuais, de corporações, de jovens de uma periferia, de crianças e etc. Importante ressaltar que estas identidades culturais podem se inter cruzar por uma causa específica a partir do reconhecimento de si, cruzando informações, que, separadamente as definem, mas nunca de modo isolado, uma vez que estas fazem parte hoje, muito mais, de um conjunto de identidades que formam um sujeito sempre de maneira parcial, podendo assim, também alternar os grupos de representação desde sujeito, de acordo com as forças em jogo.

Como afirma HALL (2006), não há mais um núcleo, um centro definido, como havia na sociedade iluminista, mas sim, um campo repleto de forças que se ligam tal qual um rizoma, criando uma grande rede interligada. Desta forma, a globalização atua a partir dos meios virtuais, através dos pontos que se ligam e somam forças tencionadas de poder. O núcleo tende, cada vez mais a desaparecer neste atual modelo de sociedade.

A sociedade moderna, portanto, por definição, são sociedades de mudança constante, sendo, inclusive, esta caracterização que a diferencia da sociedade “tradicional”. Em meio à construção de uma identidade cultural para os indivíduos, formula-se a partir de vários aspectos comportamentais, uma união, seleção de hábitos, preceitos e a partir de um vasto legado também histórico destes traços de uma dada cultura, ou mesmo da associação de muitas culturas, é que se pode formular, forjar, uma cultura nacional, homogeneizando a cultura em detrimento de outras para criar uma representação generalizada de uma nação, povo, comunidade. A partir daí tenta-se equilibrar as tensões entre as identidades culturais, sendo todos em um.

Nenhuma identidade singular - por exemplo, de classe social- podia alinhar todas as diferentes identidades com uma "identidade mestra" única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas. (HALL, 2006, p. 20-21).

Em contraposição às identidades nacionais há os movimentos que privilegiam a proteção de manifestações localizadas, mas que estão obviamente inseridas dentro de uma cultura/identidade nacional, de centros localizados nos países de periferia global. É o que Stuart Hall identifica como sociedades de periferia e que tentam como forma de resistência, preservar a identidade cultural daquela localidade, perpassando desde a construção da cultura local erudita até aquela de caráter popular.

Se pensarmos sob o aspecto deste movimento universal de preservação das culturas locais, identidades culturais das sociedades de periferia, em detrimento do processo de hibridização cultural provocado pela globalização, podemos citar por exemplo, na cidade de Pacatuba artistas que contribuíram para a construção de uma identidade nacional, mesmo inseridos em um contexto fora dos principais centros urbanos do Brasil. Isto porque, foram influenciados pela educação formal a ponto de tornarem-se referências nacionais, tais como: Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, Rodolpho Theóphilo, Juvenal Galeno, estes no campo da literatura.

Para além dos estudiosos ilustres, escritores, músicos pacatubanos, a cidade guarda nas estranhas de suas serras, memórias de uma cultura oral, popular, provinda dos índios, dos

caboclos, em meio a um sincretismo, cujas raízes extrapolam a Serra de Aratanha, chegando às senzalas do Brasil, apontando mais uma vez, para a definição de identidade cultural, que também lida com signos de uma origem que descende de indígenas e africana. Todavia, sabemos que a História e o legado cultural destes povos sempre foi alvo de esquecimento, de apagamento, ou mesmo rejeição. Embora, tenha sido largamente estudado pelo sociólogo Gilberto Freyre, e explorado de maneira quase inesgotável pelos escritores modernistas do movimento *antropofágico*, tanto na literatura, música, artes visuais.

Artistas e intelectuais que consideravam a cultura popular brasileira uma fonte inesgotável de inspiração. Intelectuais como Mário de Andrade, por exemplo, defendia que, a partir dos estudos sobre a cultura popular brasileira, era possível desenvolver uma genuína identidade nacional. Voltamos ao ponto em que Hall defende que não há uma identidade nacional “pura”, sem contaminações, que pensar desta forma é algo equivocado e certamente não passa de uma ilusão, um desejo mais próximo do sujeito iluminista.

Ao tratar de aspectos da cultura localizada, específica dos ecos de uma oralidade quase sem voz e representação, que vem das ancestralidades, por exemplo, do povo pacaubano, podemos acrescentar que muito tem se perdido, assim como a História de nossos índios. A terra indígena hoje não passa de um território roubado. Voltamos ao ponto inicial da questão: a globalização, com foco no comércio internacional, no capital estrangeiro, nas riquezas naturais, devora o ambiente, devora a cultura e o passado que nela reside. Devora o homem que cria sistemas que ajudam a destruir a si mesmo, mas ao mesmo tempo, no sentido oposto, abre possibilidades de movimentos que resistem ao sentirem-se ameaçados de extinção.

Dentro da definição do que é identidade cultural, Hall faz uma explanação e diferenciação do que é um sujeito nascido na modernidade tardia, cujas raízes são móveis, cujo núcleo inexistente e cuja estrutura de poder e funcionalidade partem de “vários pontos” interligados entre si. Este homem contemporâneo tem que lidar com as interferências e infiltrações de informações que chegam de toda parte, de contaminações com outras culturas, hábitos, formas de vestir e se alimentar, um novo idioma, mas também lidar com sua própria constituição cultural, a identidade mais próxima a ele e a sua história, sua língua materna, ou mesmo sua acentuação fonética “sotaque” que o identifica como sendo de uma dada região, ou de um dado grupo social. É o que Hall identifica como o ser de “tradição” e o ser de “tradução”, ou seja, aquele indivíduo cujas vivências com diversas outras culturas contamina e “cruza” informações, pontos de vista, ampliando os horizontes, sem deixar que uma ou outra cultura apague completamente aquela identificada como tradição, sendo assim, a primeira identidade cultural que o sujeito tem contato, aquela pela qual ele primeiro se identifica. O

imigrante, uma vez deslocado, tem consciência de que jamais retoma o que foi, nem poderá considerar que é parte de seu passado, está entre as duas ou mais realidades. É um ser dividido, multifacetado, sem um núcleo central, como um rizoma, opera em várias direções do sentido.

Algumas pessoas argumentam que o "hibridismo" e o sincretismo- a fusão entre diferentes tradições culturais - são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a "dupla consciência" e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos (HALL, 2006, p. 91).

A questão do hibridismo, uma constante em países como o nosso, formados a partir do choque de culturas, ganha um interesse maior em tempos globalizados, quando a circulação de ideias e de produtos culturais atinge um grau inédito. Essa situação molda o debate cultural contemporâneo, recolocando a questão da interrelação entre a cultura nacional e o influxo externo. Para alguns, o mundo de hoje oferece uma oportunidade para a criação de uma cultura globalizada, um novo espaço da convivência da diversidade e do pluralismo cultural. Para outros, trata-se de submeter uma diferença nacional ao rolo compressor do lixo cultural mediático que vem, em especial, dos países mais ricos, perpetuando uma ocidentalização do mundo. As posições disponíveis parecem se dividir em dois polos: ou defendemos uma pretensa cultura nacional, que como já foi explanado, não existe tal qual é defendida, ou nos assimilamos à versão vigente de cultura globalizada, o ser traduzido sem perder suas tradições.

O "ressurgimento da etnia"... traz para a linha de frente o florescimento não antecipado de lealdades étnicas no interior das minorias nacionais. Da mesma forma, ele coloca em questão aquilo que parece ser a causa profunda do fenômeno: a crescente separação entre o pertencimento ao corpo político e o pertencimento étnico (ou mais geralmente, a conformidade cultural) que elimina grande parte da atração original do programa de assimilação cultural... A etnia tem-se tornado uma das muitas categorias, símbolos ou totens, em torno dos quais comunidades flexíveis e livres de sanção são formadas e em relação às quais identidades individuais são construídas e afirmadas. Existe agora, portanto, um número muito menor daquelas forças centrífugas que uma vez enfraqueceram a integridade étnica: Há, em vez disso, uma poderosa demanda por uma distintividade étnica pronunciada. (BAUMANN *Apud* HALL, 2006, p. 96).

## **A Cultura no Município de Pacatuba**

O legado cultural deixado pelas primeiras gerações de Pacatuba é enorme. Ele inicia na convivência do colonizador com os primeiros habitantes destas terras - os índios Pitaguarys da aldeia de Paupina, cuja política de sesmarias da Capitania do Ceará data de 1722 (VALLE, 2009). Resulta da relação dessa proximidade onde ambos expressam elementos culturais distintos, no ambiente em que a população indígena foi

subjugada pela imponente cultura eurocêntrica, deixando marcas significativas que perduram até hoje. É o caso do nome que a cidade recebe desde sua formação. O nome Pacatuba vem da língua Tupi-guarani, dialeto dos povos indígenas dessa região. “Desde os tempos mais primitivos de sua formação assim denominou-se e cujo significado indica região farta na existência de pacas, mas que ali não mais existe. (AMORA, 1972, p. 68)”.

Da língua indígena, o nome “Paca” vem à língua portuguesa, nomear um animal quadrupede habitante nesse território, onde os índios da aldeia de Paupina seguiam o curso do rio cocó para caçar tão saborosa carne, assim como o camarão Aratanha que proliferava no curso desta nascente, ao sopé da serra, espécie hoje extinta. A palavra tuba significa abundância, logo Pacatuba – O lugar das muitas pacas. Com significado que transmite identificação com os bens naturais, também os nomes de cidades (antigos distritos), como Guaiuba e Itaitinga e distritos permanentes - Munguba, Pavuna, são herança da cultura indígena, fruto dessa convivência. Da mesma forma o nome da serra que tem origem nessa relação, denominado “Serra de Aratanha”.

Pacatuba é lugar abundante de paca, de paca e tuba. Lugar abundante, diz o ilustre magistrado, de acordo com Martius e com José de Alencar, que lhe chama canto das pacas. Stuart escreveu: Pacatuba, abundancia de pacas. Que significa paca? Paca (coelestis paca), ensina, é aquele animal de quase dois pés de comprimento, olhos pardos e a ponta do focinho anegrada; é de um ruivo alourado no lombo e ilhargas. A carne é muito saborosa, assemelha-se ao leitão no gosto no tamanho a lebre. (AMORA, 1972, p. 27).

Tal legado, também passa pela biodiversidade conhecida nesses campos serranos, pois foi com o índio que os colonizadores identificaram e assimilaram tradições, cosmologias, medicina natural, entre outras respostas para seus desafios. Os nomes que classificam a flora da serra da Aratanha são de origem indígena.

A flora é muito variada, merecendo referência, ainda por destacarem em diversas partes do território em adimplemento às árvores, arbustos e trepadeiras que crescem na região serrana, as seguintes espécies: anhangá, pexerica, jucá, cedro, jenipapo, timbó, embira, pequiá, mororó, maniçoba, sabiá, canaçu, mulungu, catolé, taboca, angico, arueira, umburana, babaçu, melão São Caetano, camará, tabica, frei Jorge, Juazeiro, todas indígenas [(Alemão *Apud* AMORA, 1972, p. 23)

A flora é variada e possui uma diversidade imensa que se destaca no merecimento às referências indígenas em diversas partes desse território. Assim como também a origem da identificação da fauna – pacas, antas, peba, cuandú, punaré, preá, marreco, caititu, surucucu, saguis, nambus, etc., além de espaços pitorescos, turísticos e

outros bens naturais como o lago do boaçú (nascente do rio cocó no alto da serra), o rio cocó, serrote piroá, entre outros.

Tudo já existia e possuía identificação indígena. Desde os tempos da ocupação aos dias atuais, transmite uma nova forma de olhar e pensar sobre o patrimônio ecológico da cidade, além do rico vocabulário que nos assegura uma história realmente viva, passado lamentavelmente não respeitado e preservado – a vida e o modo de viver de nossos semelhantes.

Perpassa aqui, neste mundo dinâmico e animador, ora alegre, ora tirano, a presença da cultura negra também disseminada nesse mesmo universo, da força do homem caboclo, do trabalho ao canto, a dança, a capoeira, a fé, que nos dias de hoje são bem representadas por religiões de matrizes africanas, a arte, a culinária, o maracatu e tantas outras expressões que unidas e associadas, formam nossa rica e diversificada tradição do folclore.

Já a tradição Portuguesa pode ser percebida na acumulação através da agricultura - o cultivo do café, algodão, cana de açúcar, etc. representados na Pacatuba de hoje por dezenas de casarios de diferentes épocas, espalhados na zona urbana e rural da cidade, existem também célebres nomes da literatura cearense, (Artur Eduardo Benevides; Caio Cid; Juvenal Galeno; Eduardo Campos; Manoel Albano Amora), chegando até o conjunto de festejos religiosos, a música, o teatro e a rica tradição do folclore.

Numa tentativa de reorganizar os conceitos de identidade cultural, no desejo de compreender o limite saudável do que deve ser preservado e do que deve ser compreendido como o transcorrer da História da Humanidade é que compreendemos ser por meio da educação que podemos ampliar os horizontes, apontar soluções, encontrar caminhos alternativos para um equilíbrio sobre o que pode ser positivo e o que é maléfico em relação ao fenômeno da globalização, do hibridismo cultural, das identidades nacionais, da preservação das culturas locais, da compreensão do que é ser um sujeito de tradição e um sujeito traduzido.

Para isto, consideramos o trabalho desenvolvido pelo município de Pacatuba, no que tange a educação patrimonial nas escolas, retomando o discurso de uma tradição traduzida pela nova geração que a partir de outros pontos de vista, encontram na preservação de sua memória, um caminho possível para se pensar o futuro por meio da educação e da cultura, coordenada por políticas públicas que compreendam as necessidades atuais de uma cidade, que mesmo fora do eixo central de poder, participa

da nação-global e também se deixa influenciar pelo modo como o homem do século XXI, compreende a vida.

### **Educação Patrimonial e ações culturais na produção da identidade local**

Em Pacatuba há uma situação onde especialmente a história e a literatura local encontram espaço para sua difusão. Por meio de projetos sociais, em parceria com Programa Mais Educação do Ministério da Educação – MEC, e com instituições culturais do terceiro setor, a Secretaria Municipal de Educação desenvolve diversas atividades voltadas para a cultura local, das quais merece destaque o concurso de poesia das escolas municipais que acontece anualmente com objetivo de enaltecer a cidade, seus poetas e artistas. Vale ressaltar também o projeto “Pacatuba História e Memória” que leva às escolas uma exposição fotográfica itinerante do patrimônio histórico arquitetônico do município, além de levar até os alunos, quadros fotográficos em grande formato, a iniciativa trás consigo um seminário temático, incluindo educação patrimonial e historia local.

A cidade oferece aos seus munícipes, um legado significativo para o consumo da literatura e da dramaturgia, nomes como: Artur Eduardo Benevides (consagrado príncipe dos poetas cearenses); Caio Cid (Escritor e Poeta); Juvenal Galeno (Precursor da Poesia Popular no Brasil) e Eduardo Campos (Escritor, Jornalista, Dramaturgo, Poeta e Radialista), cujas literaturas encontram-se disponíveis na da Biblioteca Municipal Carlos Cavalcante, vinculada à Secretaria Municipal de Cultura.

A escola ocupa um espaço fundamental na vida social de uma comunidade, de um povo. Todas as vivências são educativas e concorrem para os processos de construção da identidade de seus alunos, (BRASIL, 2001). As formas tradicionais de educação buscam transmitir e preservar a herança cultural, neste caso o papel da escola tornar-se fundamental para o fomento aos valores da cultura, uma vez que há política de planejamento do Estado para este fim.

Sendo papel da política de educação criar possibilidades para produção do conhecimento, a Secretaria Municipal de Educação ocupa papel estratégico nesse processo de difusão da cultura local, a partir dessa concepção e com os mecanismos que a estrutura do currículo escolar dispõe. Segundo a gestora da educação do município, Sra. Diva Medeiros, as bases legais para execução dessas ações encontram-se justificadas na proposta da interdisciplinaridade e transversalidades, abordadas nos PCNS, referem-se, portanto, a uma relação entre disciplinas:

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade, conhecimentos teoricamente sistematizados, aprender sobre a realidade e as questões da vida real. (aprender na realidade e da realidade (BRASIL1997, p. 40).

Apropriar-se dessa possibilidade de aprender sobre a realidade e com a realidade, fortalece e potencializa as práticas educativas, tal postura da gestão municipal de Pacatuba, representa um ponto forte, um ganho para o processo de fortalecimento da identidade local frente às cores corriqueiras da globalização. Sobre esse tema se expressa a Sra. Diva Medeiros - Secretária de Educação do Município de Pacatuba:<sup>4</sup>

São atividades de fomento a cultura de nossa cidade, mesmo reconhecendo que ainda não há uma legislação municipal que torne obrigatório, que venha garantir no currículo escolar a inclusão de temas sobre a História local, educação patrimonial, patrimônio histórico e sobre cultura local. Mas existe planejamento, ações que buscam garantir a permanência dessas ações educativas que contemplam especificamente a cultura do município de Pacatuba.

Assim, compreende-se a importância fundamental de se implementar políticas para tornar a escola mais dinâmica, mais prazerosa e acessível a todos, com base em uma pedagogia renovada que leve em conta os interesses e aptidões dos alunos, que invista nas possibilidades de êxitos desses alunos e crie vínculos de identificação e reconhecimento da cultura local para garantir sua preservação.

A partir dessa compreensão, há a necessidade de trabalhar a identidade local. Torna-se fundamental para garantir as permanências (culturais), num esforço conjunto em busca de resultados frente a atual realidade, que seria o aprimoramento social do povo, da comunidade com seus valores culturais e materiais.

Para professora Marilena Chauí<sup>5</sup>, o Estado não faz cultura, o estado moderno com suas estruturas sociais tem o dever de promover o desenvolvimento da cultura, pois o povo é quem produz cultura, e existe uma imensa diversidade de expressões espontâneas em qualquer que seja o grupo social, que precisa dentro da conjuntura moderna definir seus bens para o consumo. É fundamental reconhecer que o homem é um produtor de cultura. Um reconhecimento desse sublime aspecto é admitir as muitas linguagens que se apresentam como fator de identidade de grupos e indivíduos.

---

<sup>4</sup> DIVA MEDEIROS - Secretária de Educação do Município de Pacatuba. Entrevista concedida a Edmar Luiz de Sousa em 07 de dezembro de 2015.

<sup>5</sup> MARILENA CHAUI. Filósofa, professora aposentada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Roda Viva. Entrevista em 1989. Para mais esclarecimentos acesse:<https://www.youtube.com/watch?v=dntyEEwFDng>. Acesso em 20/10/2015

A busca constante pelo equilíbrio entre passado e presente, imbuída de responsabilidade cultural e sintonizada com tradições e costumes pacatubanos com a nova criação. O desafio de se conhecer, respeitar e preservar o passado frente à globalização enriquece as pequenas ações da gestão cultural vigente, que reconhece o dever de colaborar e transferir o legado às futuras gerações. Os diversos festejos religiosos (Paixão de Cristo, festa junina, festejos natalinos, festas religiosas) as muitas e variadas manifestações folclóricas (bumbas, cirandas, quadrilhas, reisados), as festas de emancipação municipal, a difusão literária local, o apoio ao fazer comunitário, os investimentos culturais nos jovens, o Conselho Municipal de Cultura, evidenciam o esforço dessa preparação, assim narra o Secretário Executivo de Cultura de Pacatuba:

Entre os grandes desafios da secretaria, está figurada como ação principal, a implantação do sistema municipal para adesão do sistema nacional de cultura, que visa uma política de Estado, ou seja, uma política permanente. Visa compreender a estruturação do processo do plano municipal de gestão da cultura para 2015/2018, que servirá de norte e balizará os rumos da gestão pública da cultura municipal.<sup>6</sup>

Para o gestor de Cultura do município de Pacatuba, o pequeno orçamento destinado à Secretaria, junto à ausência de planejamento, herança indesejada ao município, promove um desequilíbrio sociocultural generalizado e são os principais obstáculos para superação de outros desafios fundamentais que visam garantir a preservação e potencialização da cultura local. Prossegue sua narrativa:

É de fundamental importância à revitalização de Equipamentos e Serviços Essenciais da Secretaria de Cultura e Turismo como: Revitalização, conservação do Museu Histórico e criação de uma nova metodologia educacional; O tombamento dos prédios históricos junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional); A descentralização dos centros culturais com suas atividades artísticas; Melhorar a estrutura física e sinalização turística do Parque Ecológico das Andreas; Criar uma nova política de serviço de preservação do patrimônio ambiental nas trilhas ecológicas; promover ações de incentivo à leitura nas bibliotecas.

Segundo Raimundo Nonato, em resumo, a proposta da Gestão Municipal representa grande parte do panorama dos equipamentos, ações e serviços que a Secretaria de Cultura e Turismo dispõe a seus Municípios, com o intuito de dar continuidade, implementação, aperfeiçoamento e inovação aos trabalhos em andamento. Todas essas atividades visam à promoção da cultura local por meio de uma gestão democrática e participativa, cuja consulta pública tem se efetivado por meio de

---

<sup>6</sup> RAIMUNDO NONATO SOUZA DA COSTA. Secretário Executivo de Cultura e Turismo do Município de Pacatuba. Entrevista concedida a Edmar Luiz de Sousa em 07 de dezembro de 2015.

conferência municipal, fórum, debates com produtores culturais, ONG's, artistas locais e atuação do Conselho Municipal de Política Cultural.

### **Considerações finais**

Pesquisar sobre a cultura local, globalização e gestão pública, nos mostrou que para superação de desafios e demandas sociais existentes no município de Pacatuba, é preciso um bom planejamento estratégico para o desenvolvimento de políticas públicas eficientes, que possam garantir a valorização da cultura. Neste aspecto, educação e cultura são fundamentais para contribuir com os jovens e a comunidade na difusão da diversidade cultural local e regional, visando promover uma cultura arraigada nos valores e costumes do povo.

As contradições encontradas nas tradições da cultura local em Pacatuba, dizem respeito aos símbolos da globalização, principalmente a internet, no que tange ao uso da *Lan House*, por sua facilidade de acesso e custos, e em função do crescente avanço da tecnologia, os jovens fazem uso das redes sociais para a formação de comunidades virtuais e com isso perdem a sua identidade matriz, a sua raiz cultural. Partem para o consumismo em *Fast-food* e *Shopping Center*, fortalecendo os grandes grupos econômicos em função da divulgação em massa de suas marcas.

Isso também favorece a criação de guetos ou grupos, e conseqüentemente a formação de uma nova identidade cultural por conta da mesmice, mecanizada, robótica, sem identidade própria, pois fazem uso da aparência, dos mesmos costumes e símbolos, sem tradição.

Este trabalho é de grande importância para nosso crescimento pessoal, mais especificamente contribuir com novas ideias para a gestão pública local, visto que nos permitiu conhecer a cultura do município, a globalização e seus impactos sociais no dia a dia, além de permitir desenvolver competências de investigação, seleção, organização e comunicação da informação obtida. Também foi fundamental para melhor compreender o funcionamento de alguns setores da gestão pública do município de Pacatuba.

Tomar conhecimento do legado cultural da cidade pacatubana, seus costumes e suas tradições, é o “ápice” deste projeto, de forma que, a partir dessa pesquisa é possível construir um novo olhar sobre a cultura do município e uma nova compreensão sobre a concepção de cultura.

## Referências

AMORA, Manoel Albano. Pacatuba Geografia Sentimental. Fortaleza, Ceará: Editora Enriqueta Galeno, 1972.

\_\_\_\_\_. Pacatuba Antologia do Centenário. Fortaleza, Ceará: Editora Enriqueta Galeno, 1972.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

COELHO, T. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Banco de dados: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 Dez. 2014.

PIRES, Luiz Henrique. In: “Políticas para o desenvolvimento local”. Editora Fundação Perseu Abramos, 2010.

THOMPSON, Paul. A voz do passado, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. Aldeamentos indígenas no Ceará do século XIX: revendo argumentos históricos sobre o desaparecimento étnico. In: PALITOT, Estevão Martins. Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009.